

INTRODUÇÃO

Não vamos aprofundar aqui questões relativas às origens dos Guarani que habitam a localidade denominada MBOI MIRI. O intuito deste informe é apontar razões que justificariam o usufruto do pequeno pedaço de terra que necessitam para sua sobrevivência e para realização de sua vida.

Os dados aqui apresentados foram colhidos durante as viagens que realizamos naquele local nos meses de agosto, setembro e novembro de 1980 e nos meses de janeiro e fevereiro de 1981.

Os pontos que nos interessavam eram basicamente três: 1) se desejavam realmente continuar no local que ocupam; 2) qual a área desejada pelo grupo para que pudessem viver ali; 3) que tipo de contribuição poderia ser oferecida à comunidade para sua melhor organização econômica e social internas.

A SITUAÇÃO DO GRUPO

Gumercindo Avajú Miri é o líder da comunidade Guarani que habita Mboi Miri. Contou-nos que estão neste lugar a aproximadamente 13 anos, vindos da reserva indígena de Mangueirinha, no Estado do Paraná. Já no final da viagem - cheia de percalços - viram-se obrigados a se instalarem por quase dois meses sob uma ponte, que lhes serviu de teto, próximo à Estação Dutra, já no Estado de São Paulo. Foi neste lugar que conheceram o Padre José Sekewicius, que os convidou a se transferirem para as terras do Instituto onde estão até os dias de hoje. Demonstram grande respeito e admiração por este padre.

Ao chegarem, afirma Gumercindo, não havia nada no local: nem casas, nem pessoas, nem clube de tiro, nada. Uma das primeiras providências que tomaram ao se instalarem foi o plantio de várias árvores de Pindó (uma espécie de coqueiro) que atualmente estão altos e localizados defronte à casa de Gumercindo. Foi seu filho Anísio quem os plantou. Este fato é significativo pois indica, entre outras coisas como língua, lugar de origem, pertencerem estes Guarani ao sub-grupo Mbyá. Além disso, o plantio destas árvores pode ser interpretado como indicador de que não pensavam, quando ali chegaram, em abandonar rapidamente o lugar. Plantaram, além disso, paková (banana), avati (milho), jety (batata doce) e takuarẽ'e (cana de açúcar).

Assim, foram, com o tempo, se fixando e se adaptando ao lugar e a tudo que o rodeia. Passaram a praticar o comércio de artesanato por eles produzido e vendidos em praças

da cidade de São Paulo (principalmente na praça Patriarca, no centro da cidade). Não deixaram de plantar alguns produtos agrícolas (mandioca, batata doce, milho, feijão, cana de açúcar), mas atualmente isto se dá de forma muito incipiente e não chega a suprir as necessidades alimentícias de toda a comunidade. Já chegaram a ter, segundo informaram, roças maiores principalmente de mandioca e milho.

Afora essa agricultura incipiente, desenvolvem trabalhos para brancos da região chegando a pegar empreitadas para atividades em trabalhos não especializados. Alguns deles conhecem ofício de marceneiro chegando a trabalhar em firmas na cidade. Eventualmente trabalham para o próprio Instituto. Exceção feita ao artesanato, não ficam muito a vontade nestes trabalhos; os praticam apenas eventualmente e, como sói acontecer com os Guarani, não são trabalhadores dedicados a atividades que exijam presença sistemática, com horários e continuidade cotidiana. Estes trabalhos não são feitos mediante registro ou contrato.

O comércio do artesanato constitui, portanto, na base da economia dos Guarani de Mboi Miri. Produzem, em suas próprias casas, arcos, flechas, machadinhas, "mbaraká" (chocalho), facas de taquara, colares, etc, tudo com sua marca inconfundível. ~~Amakárika xeriká~~ Para tanto realizam viagens periódicas à aldeia de Rio Branco (Serra do Mar - SP) de onde trazem parte da matéria prima necessária a seu trabalho (outros materiais como "Q-Suco" para tingir penas também são usadas e facilmente adquiridas nas proximidades da aldeia). As viagens a Rio Branco e várias outras áreas para visitas a parentes representam hábito muito apreciado pelo grupo de Mboi Miri. O artesanato lhes permite adquirir recursos além de dar-lhes total liberdade de irem a virem quando queiram. Não se deve perder isto de vista no relacionamento com estes Guarani.

#### RELAÇÃO DO GRUPO COM BRANCOS REGIONAIS

Segundo nos informaram, as relações do grupo com os brancos regionais não representam problemas dignos de nota. O que soubemos é que por não entende-los, por ser tão insólito a existência de índios vivendo quase no centro de SP, algumas vezes um ou outro membro do grupo se depara com pequenos desentendimentos com brancos. Quanto aos habitantes mais próximos (padre e administrador do Instituto, bem como vizinhos imediatos), mantém uma coexistência. Os Guarani possuem uma capacidade enorme de manter relações com brancos de forma a se "adaptarem" a uma vida conjunta sem que isso signifique, entretanto, uma "auto-assimilação" do grupo à sociedade nacional; permanecem enquanto grupo social específico, fechados em si, mantendo relações amistosas com os de fora e, principalmente, mantendo sua forma de ser e sua identidade Guarani.

#### RELAÇÕES DO GRUPO COM OUTROS GUARANI-MBYÁ

Mboi Miri é, assim como as "reservas" onde são encontrados Guarani no Estado de São Paulo, ponto de referência e de passagem para os Mbyá que vêm de lugares distantes, se-

ja como migrantes, apenas de passagem ou em visita a parentes. Mboi Mirí, Parelheiros, Itari ri, Peruibe, Rio Branco, Ubatuba, Barra do Una (todas em São Paulo), Mangueirinha (Paraná), Caieiras Velho (Espírito Santo) e mesmo aldeias do Rio Grande do Sul, estão intimamente ligadas entre si, através das incessantes viagens realizadas por estes indios. É uma prática já centenária que implica muitas vezes apenas em curtas visitas; outras vezes uma família vem de longe e passa a morar durante meses ou mesmo anos até retornar a seu lugar de origem; outras vezes ainda, mudan-se definitivamente e só voltam à sua terra natal para visitas.

Os Guarani de Mboi Mirí não estão, portanto, isolados. Estão em contato e informados do que ocorre com seus patrícios e parentes por mais distantes que estes possam estar.

É importante que se tenha isso em conta. Os meandros do relacionamento entre as diferentes aldeias Guarani-Mbyá do país é encoberto às pessoas que não estejam atentas para isto ou que não tenham amplo relacionamento com eles para saber que estas viagens se mantêm há muitas décadas e fazem parte da cultura deste povo. É difícil entender os propósitos contidos nestas viagens. Recentemente o próprio Presidente da Funai cometeu o imperdoável engano de afirmar que os Guarani do Espírito Santo eram nômades e que, portanto, não necessitavam de terras.

#### UMA IMPRESSÃO PESSOAL

Apenas como uma impressão pessoal, é importante dizer que em nossa primeira visita a Mboi Mirí observamos, com um pouco de surpresa, o quanto estes Guarani se assemelham, em todos os sentidos, com seus irmãos do Paraguay, há mais de 1.500 kms. de distância e sem qualquer relacionamento entre si.

O tratamento e a importância dada ao fogo; a maneira como são tratadas as crianças e como estas se comportam diante de adultos e diante de pessoas de fora (brancos); o relacionamento entre casais; o comportamento dos homens e das mulheres diante de brancos; a forma como executam seus afazeres domésticos cotidianos; a divisão sexual do trabalho, seja para a limpeza e conservação da área ocupada, seja na confecção do artesanato; a importância que dedicam ao seu líder Gumercindo e todo o "formalismo Guarani" no tratamento dedicado a ele, ou seja, a organização política tão tradicional quanto o encontrado em grupos Mbyá com muito menos contato com brancos do que os de Mboi Mirí; as árvores de Pindó plantadas por eles; a disposição dos poucos móveis que possuem; o relacionamento do grupo com suas próprias vestimentas, etc, etc, etc. A "surpresa" decorre do fato de haveremos encontrado um grupo Guarani-Mbyá habitando as cercanias de São Paulo, a grande metrópole brasileira, mantendo formas culturais próprias sem qualquer intento de abandonar suas tradições em favor da "civilização". Ao contrário.

#### O QUE QUEREM OS INDIOS

Sem dúvida a possibilidade de posse ou usufruto ~~de~~ seguro da terra que habitam é a maior reivindicação dos indígenas de Mboi Mirí. É condição necessária para que pos-

sam continuar vivendo da forma como o fazem há anos.

À pergunta se o grupo deverá ou não permanecer na área, obtivemos resposta positiva e unânime. Esta, no entanto, é uma questão difícil e delicada. São inúmeros os casos (Rio Grande do Sul, Paraná, Argentina, Paraguai) onde grupos de Guarani-Mbyá aceitam, mas por tempo limitado, as terras oferecidas por pessoas ou grupos que lhes querem dar apoio. Em geral argumentam que deverão permanecer pouco tempo no lugar e depois seguir caminho, dificultando assim qualquer ~~tipexia~~ ajuda. No caso, Gumercindo e seu pessoal são categóricos em afirmar que desejam permanecer ali. Nosso parecer é que dada a importância estratégica da área para o contato entre os diversos grupos Mbyá do sul do país, entre outras razões, deverão permanecer nesta localidade caso se lhes permita. Um acompanhamento de perto das entidades de apoio ao índio (a Comissão Pró-Índio de São Paulo já vem, a algum tempo, realizando isto) poderá ampliar a possibilidade de fixação no lugar, dada a predisposição por parte dos indígenas para isto. No mínimo este acompanhamento propiciará um melhor entendimento das razões que venham a levar os índios a abandonarem a terra, se for o caso. Permitirá, também, melhor conhecimento dos Guarani-Mbyá.

Quanto ao tamanho da terra, Gumercindo chegou a dizer o seguinte: "Tem onze alqueires no Instituto. Tem cinco ou seis famílias Guarani (perto de 30 pessoas). Nós ficamos com cinco alqueires eles ficam com seis". Na realidade a área por eles pleiteada deve atingir aproximadamente quatro alqueires. Calculamos isto em função das conversas mantidas com o grupo e pelo que nos foi mostrado por eles. Para melhor esclarecimento dos limites e dimensões da área sugerida pelos Guarani, caberia levar junto a eles uma planta de toda a área. Com isso e percorrendo com eles estes limites, se terá idéia clara da terra desejada, no que se poderá basear os estudos sobre a viabilidade da "doação".

Na hipótese de virem a ter o usufruto e o poder de decisão sobre a terra, indicaram que deverão efetivar alguns melhoramentos de sorte a torna-la mais adequada à sua vida. Assim:

- . Querem puxar luz para o conjunto de casas. Segundo Anísio seria para poder comprar uma televisão que ficaria em lugar determinado de maneira que toda a comunidade pudesse assistí-la.
- . Pensam em abrir uma estrada de carro até suas casas.
- . Com a "posse" da terra indicaram que deverão construir duas novas casas na entrada que vem do ponto de onibus e que é muito usada por eles. A proposta foi feita, inclusive, por D. Fernando, segundo informaram, com o objetivo de proteger a área da entrada de pessoas estranhas.
- . Querem fazer uma limpeza no pequeno riacho que costeia a área. Isto permitirá melhor utilização da água para banhos e lavagem de roupas.
- . Indicaram o desejo de melhor aproveitar a terra em lavouras e hortas. Querem plantar mandioca, milho, batata doce, cana de açúcar, feijão, verduras, bananas. Segundo nos argumentou Gumercindo, a roça seria para que todos pudessem "comer juntos" depois de haver trabalhado juntos no plantio, limpeza e colheita da lavoura.
- . Gumercindo chegou a afirmar reiteradas vezes que quer fazer uma casa para rezar. Caso isto se concretize, seria fator importante de fortalecimen-

to da identidade do grupo.

### COLABORAÇÃO COM A COMUNIDADE

A Comissão Pró-Índio de São Paulo já vem, há algum tempo, mantendo contato permanente com os Guarani de Mboi Mirĩ, realizando atendimento dentário ao grupo e orientação para retirar seus documentos pessoais.

Deste contato surgiram, em conversas com eles, algumas propostas de trabalho que poderão ser levadas a efeito.

- . Escola. Pensou-se na formação de monitores indígenas para conduzirem uma escola dentro da área. Para tanto haveria a orientação necessária de sorte a fazer que, com o tempo, a própria comunidade tenha condições de manter sua escola.
- . Possibilidade de colaboração com a comunidade no transporte de matéria prima utilizada na confecção de artesanato.
- . Assitência média e formação de monitores de saúde indígenas de forma a que eles próprios possam cuidar, ao menos em parte, de seus problemas de saúde.
- . Colaboração técnica e econômica, caso solicitadas, para o trabalho agrícola.
- . Colaboração de pessoas especializadas no sentido de orientar trabalhos de saneamento básico para a área.

Estas idéias surgiram em conversas com os indígenas e sua realização se verificará apenas no encaminhamento de um trabalho de acompanhamento e colaboração tendo, no entanto, o próprio grupo como o único a decidir sobre o que será feito. Da mesma forma ocorre com os planos dos líderes da comunidade mencionados no item anterior.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, estamos convencidos que o grupo social que habita a área conhecida como Mboi Mirĩ é, sem dúvida, um grupo tribal Guarani. Isto é: estão inseridos dentro de um contexto mais amplo; fazem parte da Nação Guarani (apesar do distanciamento físico e geográfico de seus iguais de outras localidades e Estados); constituem uma etnia e com ela se identificam; mantêm, através de visitas constantes, um íntimo relacionamento com outros Guarani-Mbyá. Possuem uma forma de ser, de pensar, de agir; possuem uma ideologia que lhes é própria e que os torna diferentes da sociedade mais ampla que os envolve. Trazem consigo uma história e uma tradição e as repetem em seu cotidiano, "adaptando-as" às situações novas e inevitáveis decorrentes do contato. É enquanto indígenas Guarani, portanto, que devem ser visto e cabe a nós, "homens civilizados" e cristãos, contribuir ao máximo para que este grupo social tenha condições de por si só decidirem sobre seu futuro e como continuarão a realizar sua própria história.

R. J. da Silva

Rio de Janeiro, 31 de Maio de 1981